

Crescimento em xeque

Após instabilidade política, que tornou claro a perda de controle por parte do governo, economistas revisam PIB para baixo e projetam Selic mais alta para 2019

As projeções para o crescimento do Brasil em 2018 e 2019 já não estão mais tão otimistas quanto no final do ano passado. Economistas que apostavam em uma recuperação mais acelerada do país revisaram suas projeções para baixo após notar que os primeiros indicadores deste ano vieram abaixo das expectativas e que havia incertezas acerca da situação política vigente.

Ao final de 2017, as projeções de crescimento para este ano eram fortes por causa da perspectiva de aprovação da reforma da previdência, que foi deixada de lado no início deste ano, e também pela leitura de que o país estava em marcha uma recuperação econômica após anos de atividade econômica frágil, com retração do PIB em 2015 e 2016. Câmbio favorável e inflação controlada completavam o quadro de otimismo.

No início de junho, o Itaú Unibanco revisou sua projeção para o PIB de 2018 e passou a prever crescimento de 1,7%. Em maio, o banco já havia alterado sua estimativa de 3% para 2%. As mudanças ocorreram devido ao aperto das condições financeiras e ao impacto da paralisação dos caminhoneiros no final de maio, por conta da alta no preço do combustível. O Itaú também diminuiu sua previsão para o PIB de 2019, de 2,8% para 2,5%, sendo que a previsão era de 3,7% no início de maio. O superintendente de pesquisa econômica do Itaú Unibanco, Fernando Gonçalves, avalia que no quadro fiscal, os custos para atender às reivindicações dos caminhoneiros devem somar cerca de R\$ 13,5 bilhões até o final do ano, sendo aproximadamente R\$ 4 bilhões em cortes de impostos e R\$ 9,5 bilhões em subsídios. “Esse aspecto é bastante relevante e não pode ser desprezado como uma das consequências da crise ocorrida”.



PENA: eleições influenciam ainda mais o comportamento do PIB de 2019

Segundo Gonçalves, as incertezas eleitorais deste ano também ajudam a entender a performance decepcionante da atividade econômica e o adiamento dos investimentos pelas empresas. O superintendente ressalta que, como o BC já indicou o encerramento do ciclo de corte de juros, não haverá estímulo adicional da política monetária sobre o crescimento da economia, fator que poderia dar fôlego adicional à tímida retomada.

O ritmo de recuperação econômica mais lento que o previsto foi determinante para as revisões. “Tivemos uma queda de taxa de juros expressiva, passando de 14,25% para 6,5%, e isso deveria gerar um crescimento de 3% da economia, mas os dados do início do ano mostraram um crescimento bem mais baixo que isso”, diz o economista-chefe da Bradesco Asset Management (Bram), Marcelo Toledo.

“O debate todo está relacionado ao fato da atividade não ter se recuperado com a velocidade esperada”, complementa. A conversa com a Bram aconteceu antes da greve dos caminhoneiros e suas projeções não levaram em conta esse movimento, apenas a divulgação do PIB do primeiro trimestre que fechou em 0,4%.

Para o economista-chefe da Sulamérica Investimentos, Newton Rosa, a redução da estimativa para o PIB de 2018, de 2,7% no início do ano para 2% no final de maio, deve-se principalmente ao elevado nível de endividamento das empresas, que ainda se encontram em processo de desalavancagem, o que limita novos investimentos. E do lado das famílias, prossegue Rosa, o quadro também não é dos mais favoráveis, com os juros ao tomador final ainda em patamares elevados. “O efeito positivo que a queda dos juros poderia ter sobre

Projeções macroeconômicas para 2018 e 2019

	Selic		Inflação		Câmbio		PIB	
	2018	2019	2018	2019	2018	2019	2018	2019
Banco do Brasil	-	-	3,80%	4,25%	R\$3,40	R\$3,45	1,70%	2,50%
Bradesco Asset Management - BRAM	6,50%	8%	3,40%	3,90%	R\$3,50	R\$3,60	2,40%	2,50%
Claritas	6,50%	8%	3,90%	4,25%	R\$3,60	R\$3,60	1,70%	2,80%
Itaú Unibanco	6,25%	8%	3,80%	4,10%	R\$3,70	R\$3,70	1,70%	2,50%
Porto Seguro Investimentos	6,50%	-	3,90%	-	R\$3,50	-	2%	-
Rio Bravo	6,50%	8,25%	3,50%	4%	-	-	2,10%	3%
Santander Asset Management	6,50%	7,50%	3,50%	4%	R\$3,50	R\$3,57	2%	3,20%
Sulamérica Investimentos	6,50%	7,25%	3,37%	4%	R\$3,65	R\$3,74	2%	3%
Votorantim Asset Management - VAM	6,50%	8,25%	3,60%	3,80%	R\$2,50	R\$3,42	1,80%	3%

Fonte: Dados fornecidos pelas próprias instituições

a demanda doméstica, seja do lado do investimento ou do consumo, acaba sendo reduzido por conta de um canal de crédito que continua emperrado”.

ELEIÇÕES – Outro ponto negativo é o cenário eleitoral ainda incerto, sem candidatos fortes comprometidos com as reformas fiscais que o país precisa. Na ausência de um nome forte comprometidos com reformas, a confiança dos empresários começou a dar sinais de deterioração, o que gera um impacto negativo na demanda, diz o economista-chefe da Sulamérica Investimentos.

Para o economista-chefe da Rio Bravo Investimentos, Evandro Buccini, a projeção do PIB para 2018 passou de 2,6% no início do ano e agora para 2,1% atualmente e corre o risco de sofrer novas reduções diante das incertezas do quadro eleitoral e dos impactos ainda difíceis de serem mensurados da greve dos caminhoneiros. Buccini lembra que a situação delicada de outros mercados emergentes, como Argentina e Turquia, pode afetar também o Brasil. “Pode haver algum efeito no Brasil por conta da crise nos outros emergentes, mas de maneira bem mais contida do que foi em 2013, que marcou o início da maior recessão que já tivemos”.

Uma eleição com votos muito pulverizados, sem agendas que tragam tranquilidade, faz o mercado se posicionar com mais cautela em relação às expectativas futuras, pondera a economista da Claritas



ROSA: retomada da atividade está em ritmo mais lento

Investimentos, Marcela Rocha. “Acreditamos que estamos em um momento conturbado, onde alianças estão sendo feitas e já temos alguns candidatos despondendo nas pesquisas. As campanhas não começaram, e o próprio brasileiro ainda não está pensando nisso, mas a greve de maio pode ter mudado o cenário, e nossa premissa é que essa situação conturbada política permanece até julho”, destaca.

As eleições influenciam ainda mais o comportamento do PIB de 2019, e por conta disso, a Porto Seguro Investimentos

optou por não enviar projeções para o próximo ano. “Se o programa de governo que vencer as eleições for calçado em ajustes fiscais, teremos espaço para crescimento, a pressão de risco será reduzida e a confiança trará mais consumo e investimento. Por outro lado, se for eleita uma agenda não reformista, teremos exatamente o inverso, a percepção de risco vai subir mais e haverá pressão adicional à taxa de câmbio”, avalia o economista-chefe da Porto Seguro Investimentos, José Pena.

Segundo Pena, já no final de janeiro e início de fevereiro as incertezas globais começavam a minar as expectativas de crescimento mais forte da economia brasileira. O choque de volatilidade e a queda das bolsas de outros países balançaram a visão sobre otimismo em relação ao mundo, aponta José Pena. “Foram vistas tensões geopolíticas e comerciais, e o ambiente internacional pesou para uma piora dos indicadores de confiança aqui no Brasil”, destaca,

O economista da Bram, Marcelo Toledo, concorda que o atual cenário, menos otimista, foi fortemente influenciado pelo panorama internacional, que contaminou os emergentes e o câmbio. “O Brasil e os emergentes no geral vão conviver e precisar se adaptar e estar prontos para o aumento da taxa de juros nos Estados Unidos, que deve ser maior que a expectativa média do mercado”, diz Toledo. “É um período de transição delicado e sujeito a turbulências”.